

**Nair Benedicto,
Cidadã e fotógrafa.**

A obra de Nair Benedicto construiu-se sob o fio condutor de testemunhos produzidos como fotojornalista e não pode ser apreciada sem um retorno mínimo ao contexto de sua formação e de suas condições de produção.

Descendente de imigrantes italianos, em um país com profundas desigualdades sociais, machista e desde 1964 sob ditadura militar, Nair Benedicto é uma figura de mulher resistente. Segue seus estudos em comunicação na Universidade de São Paulo. Nessa época, pensa-se que a televisão pode ser um potente meio de educação popular.

Os militares brasileiros conduzem uma guerra anti-subversiva em seu país. Foram formados por especialistas do assunto: norte-americanos engajados no Vietnã e franceses aposentados da Batalha de Argel. Trata-se de aniquilar tudo o que pode ameaçar a ordem estabelecida pela oligarquia. A tortura e o desaparecimento fazem parte da panóplia. A censura se instaura, chegando até mesmo ao absurdo, em todos os aspectos da vida social: é neste contexto que uma exposição sobre o cubismo é proibida sob o pretexto de se tratar indubitavelmente de propaganda pró Cuba. A televisão em vigor visa somente ao divertimento e à castração mental. O espetáculo do esporte e a telenovela são os fomentadores disso. Em 1969, Nair Benedicto é presa e torturada. Após ser solta, fica em prisão domiciliar até 1975 e sua entrada nos Estados Unidos fica proibida até 1980. Ela não pode mais pensar em trabalhar na televisão.

Nair Benedicto engaja, pois, seu combate sobre o front da imagem por um outro viés. O primeiro passo é um trabalho social de educação sob a égide da Igreja, única instituição que permite, naquele momento, um espaço de liberdade. Trata-se, em primeiro lugar, do ensino da leitura e da crítica de fotografias. Nair nota que as pessoas do povo lêem as imagens de uma maneira muito melhor do que os estudantes da faculdade. Muitos de seus alunos se tornarão administradores ou deputados do Partido dos Trabalhadores. Como fotógrafa, tal ato consiste em uma forma de testemunhar pelo intermédio de um meio menos vigiado e em plena expansão. Trata-se, também, a exemplo de Lewis Hine, de utilizar o testemunho para sensibilizar a sociedade. É o que acontecerá com a publicação de fotografias de Nair e de seus colegas da agência F4, sobre a detenção de crianças na FEBEM, a fundação para o bem-estar do menor, um título particularmente usurpado. O impacto da publicação será tal que obrigará o governo a recuar e a humanizar este câncer social.

Nair Benedicto é também pioneira na maneira de organizar sua ação. Os temas são bem preparados e documentados. São centrados sobre os pontos nevrálgicos da sociedade brasileira: desigualdade, marginalização, guetos espaciais e mentais, drogas, crianças, índios, mulheres, raízes brasileiras, manifestações da resistência, ecologia... Com frequência, o movimento social solicita os fotógrafos politizados e independentes: a idéia é a de que é na própria estrutura da sociedade que está a

origem da maioria de seus males. A fundação da agência cooperativa F4, em 1979, corresponde também à necessidade de um intelectual coletivo que acompanhe o processo fotográfico, da sua conceitualização a sua produção. A difusão vai encontrar, além de seu despontar na imprensa do Brasil e do exterior, um outro vetor via livro. Este será o caso, por exemplo, da série FEBEM, em 1980.

Um outro tema ainda mais sensível seguirá a mesma trajetória. Trata-se das greves metalúrgicas da periferia industrial de São Paulo. Este movimento do fim dos anos 1970 marcará o começo do fim da ditadura. O sindicalista Lula se tornará a figura carismática e o ícone da resistência, em particular graças à fotografia.

Em 1981, ao abordar a Amazônia, território sob controle militar, traz à tona não somente uma questão ecológica, mas também política. A colonização, exploração e desmatamento continuam. Tribos indígenas são dizimadas e condenadas à mendicância. A primeira abordagem de Nair se dá por um áudio-visual que circula rapidamente no exterior, mas também no Brasil, de maneira militante, graças à comissão da Pastoral da Terra, apesar da repressão que atinge esta organização.

Economicamente, a agência F4 se mantém com facilidade. Rapidamente, as vendas permitem financiar sua estrutura. Esta forma de organização também permite o respeito ao direito moral e financeiro dos autores. Ela serve de modelo para outros fotógrafos que, nesse momento de efervescência, se engajam no testemunho social, mesmo após o fim da ditadura e o retorno a uma democracia formal: o primeiro presidente eleito democraticamente é destituído do cargo por acusação de corrupção após dois anos de mandato.

Após o fim a agência F4, em 1991, Nair funda N-Imagens com fotógrafos da nova geração. A tecnologia digital já começa a dar as caras. Este novo dado vai transformar os modos de produção e distribuição. Toda mudança tecnológica em regime capitalista é uma ocasião de desqualificar e diminuir a remuneração dos produtores. Desta forma, o mercado de massa da imagem não se vê mais atravancado pelos critérios de qualidade. As telas escondem tanto quanto revelam. O sentido se perde na multiplicação de mensagens sem hierarquia. Esta censura indolor, cosmética, afeta a atenção, o imaginário, a própria língua do sujeito. A contraposição a esta opressão visual é a proposição de objetos diferentes respondendo a uma outra lógica: aquela do sentido, produzido por autores responsáveis.

Esta consideração inovadora vem se aliar àquelas que presidem a criação, em São Paulo, de uma bienal internacional de fotografia em 1991. O papel de Nair é fundamental nesta iniciativa que propõe outras abordagens a um público que, por muito tempo, ficou limitado a um conformismo visual. Mais que a melhoria da oferta cultural, são a abertura sobre o mundo e o aspecto didático em forma de estágios, de conferências, de verdadeiros encontros que dão ao empreendimento sua energia social.

Os critérios estéticos e a forma fotográfica trabalhada por Nair Benedicto estão diretamente subordinados a suas posições éticas. Ela respeita uma linha clara, quero dizer com isso que ela não se atém a falsas aparências ou a detalhes que obstruem o funcionamento da imagem e, sobretudo, o sentido da informação a transmitir.

Apesar da gravidade, do peso das situações, Nair Benedicto jamais insiste sobre o seu caráter melodramático, sua miserabilidade que tão frequentemente inspiram fotógrafos que trabalham para as organizações humanitárias. Nair Benedicto é também partidária da vida e de seu triunfo. A sensualidade está sempre presente. Sua obra se endereça tanto para a razão quanto para a sensibilidade. É bem esta a marca de uma obra que com o tempo se tornará clássica por poder tocar tanto o espírito quanto o coração.

Pierre Devin

São Paulo, janeiro de 2007

Belo Horizonte, agosto de 2007

Nair Benedicto nasceu em 1940, em São Paulo. Estudou comunicação na Escola de Comunicação e Artes - ECA/USP de 1969 a 1972. Publicações : 1980, A greve do ABC, uma greve vista por diferentes fotojornalistas, texto de Ricardo Kotcho. 1980 A questão do menor. fotografias de Juca Martins, Nair Benedicto, Wagner Avancini e textos de Elza Ferreira Lobo e Maria Nilde Mascellani. 1988, As melhores fotos de Nair Benedicto. Obras nas coleções do Museu de Arte Moderna Nova York, do Smithsonian de Whashington e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.